

O TESTE DE RORSCHACH: ALGUNS ASPECTOS RELACIONADOS COM AS CRÍTICAS E AS NOVAS PERSPECTIVAS DE UTILIZAÇÃO

ANTÓNIO ABEL PIRES (*)

UNIVERSIDADE DO PORTO

Tornou-se necessária uma apresentação histórica para tentar compreender o como e o porquê da elaboração deste teste com a sua especificidade, através da análise da biografia do seu autor, do meio psiquiátrico da época e da história das manchas de tinta. Focamos o "fracasso" da validação psicométrica desta prova revendo as críticas, principalmente dos psicometristas e a impossibilidade de validação porque o instrumento na opinião destes, não reúne as condições mínimas de validade. Isto situa-nos no centro da polémica entre psicometristas e clínicos, pois estes acham que o Rorschach é válido quando aplicado na clínica, valorizando as suas qualidades idiográficas. Mais tarde, surgem críticas em relação à metodologia utilizada na validação e a consequente modificação dos métodos estatísticos devido à especificidade desta prova projectiva, pois a sua validação era encarada nos mesmos termos da dos testes de inteligência e dos questionários de personalidade. Esta alteração da metodologia teve como consequência resultados positivos nestes novos estudos de validade. Apontam-se algumas das novas perspectivas de utilização do Rorschach, tanto como entrevista clínica onde se acentuam as suas qualidades idiográficas, como na investigação através da avaliação da representação de objecto e da selecção de novas variáveis relacionadas com a organização do pensamento, a representação de objecto e a avaliação das desordens do pensamento (Blatt & Berman, 1984).

1 — APRESENTAÇÃO HISTÓRICA DO TESTE DE RORSCHACH

Hermann Rorschach foi psiquiatra em Zurique e morreu em 1922 com 38 anos, um ano após a publicação do seu teste, com o título: "Psicodiagnóstico. Método e resultados de uma experiência de diagnóstico baseada na percepção (Interpretação livre de formas fortuitas)"; deve-se acrescentar que o título "Psicodiagnóstico" foi imposto pelos editores por razões comerciais.

Para explicar a "história" do teste de Rorschach, todos os autores fazem uma grande referência à biografia do seu "inventor" Hermann Rorschach, designadamente ao facto de ser filho de um professor de desenho, de possuir qualidades artísticas e de ter hesitado entre a vida artística e a medicina.

Estes e outros aspectos biográficos de Hermann Rorschach, são importantes para explicar a génese e o processo de elaboração deste instrumento, mas há outros factores que podem ajudar a compreender porque é que este autor se orientou para este domínio. Entre estes salientamos o contacto com Bleuler e Jung, as teorias psicanalíticas, e o seu conhecimento das provas de manchas de tinta.

Uma das influências mais marcantes para H. Rorschach foi a sua ligação com a escola do Burghölzli, a clínica universitária de Zurique, orientada por Eugen Bleuler, o introdutor do termo de esquizofrenia e que lhe deu um renome mundial.

Uma das personalidades mais importantes desta escola era Carl-Gustav Jung, assistente de Bleuler, psicanalista (depois dissidente), e autor do Teste de Associação, considerado um dos antepassados dos testes projectivos, e em torno do qual, no Burghölzli, se desenvolvia uma grande actividade de investigação numa perspectiva psicopatológica.

Os trabalhos sobre o teste de associação eram o fruto de várias influências, dos "complexos afectivos" de Ziehen e das ideias de Freud, sendo a consequência imediata do desenvolvimento das associações livres do fundador da psicanálise. Na prática, no Burghölzli, este teste foi utilizado para o estudo semiológico e diagnóstico das perturbações mentais (Jung), para avaliar a inteligência (K. Wehrlin), para investigar os conteúdos da personalidade (Jung, Riklin) ou como auxiliar da psicanálise (Jung).

O contacto de H. Rorschach, nesta época com o Burghölzli e principalmente com Jung, influenciou-o certamente para a elaboração do Psicodiagnóstico.

A ideia da exploração da personalidade através da análise das reacções do sujeito a um estímulo, e a possibilidade de utilização dos resultados em múltiplas perspectivas, estava no centro do teste de associação (aliás no teste de Rorschach vamos encontrar a influência da tipologia de Jung).

H. Rorschach interessou-se pela psicanálise, foi psicanalista sem ter sido analisado, frequentou o grupo psicanalítico de Zurique de 1909 a 1913 (Bleuler, Jung, Maeder, Binswanger, Pfister), e publicou em 1913 no Zentralblatt für Psychoanalyse, três trabalhos: A escolha do amigo no neurótico, Análise de um desenho esquizofrénico e Observações analíticas sobre a pintura de um esquizofrénico (Pichot, 1984).

É preciso salientar que o interesse pela psicanálise estava em voga nos meios psiquiátricos suíços e que as concepções aí adoptadas eram às vezes pouco ortodoxas (Pichot 1984); mais tarde Bleuler e Jung romperam as relações com Freud.

Em 1919, quando foi fundada a Sociedade Suíça de Psicanálise (depois da dissidência de Jung), H. Rorschach foi vice-presidente, contudo a sua posição em relação a esta corrente era ambígua como se depreende de uma carta escrita em 1919 ao seu amigo Walter Morgenthaler; "Em Viena, brevemente se irá explicar analiticamente a rotação da terra. É contra isto e contra a atitude papal que procura infiltrar-se desde Viena que se deve fazer frente, senão apenas restará um catecismo cheio de dogmas.

(*) Assistente da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Membro do Centro de Psicologia do Desenvolvimento e Educação da Criança.

Creio que os médicos que conhecem outros métodos em relação aos quais têm uma boa consideração científica deveriam educar a psicanálise" (citado por Pichot, 1984).

Pode-se levantar a hipótese que H. Rorschach teria publicado o Psicodiagnóstico também para "educar a psicanálise", e no texto do Psicodiagnóstico nunca foi feita nenhuma alusão às ideias psicanalíticas.

Entre as influências específicas que orientaram H. Rorschach para o material que utilizou, para construir uma prova de exploração da personalidade, convém salientar as suas capacidades artísticas como o desenhador, e como psiquiatra interessou-se pelas produções artísticas dos doentes e também pela utilização das produções patológicas como expressão de perturbações da personalidade.

Este interesse pelos desenhos de doentes existia nos meios psiquiátricos da época, por exemplo, quando H. Rorschach chegou ao hospital de Waldau, Morgenthaler tinha iniciado uma coleção de desenhos de doentes. Foi no hospital de Herisau, principalmente a partir de 1915, que H. Rorschach se interessou mais especificamente pela produção verbal do doente em relação ao desenho realizado ou a realizar.

Além destas influências específicas, convém não esquecer que na história da utilização das manchas de tinta o conceito de projecção existia em Jung e nos seus discípulos, na detecção dos "complexos" a partir das associações em relação a garatujas sem sentido realizadas pelo doente.

Em relação ao teste de manchas de tinta, convém salientar que Binet e Henri publicaram em 1895 na revista *Année Psychologique*, um teste de manchas para explorar a imaginação. Em consequência desta publicação, vários psicólogos tentaram elaborar testes deste tipo, entre os quais Dearborn (1897), Dearborn, Kirkpatrick & Sharp (1898-1900), Whipple (1910) nos Estados Unidos; Rybakoff (1910) na Rússia; e Bartlett (1916) na Inglaterra (cf. Anzieu, 1976).

Provou-se que Rorschach não conheceu a obra dos seus predecessores, mas foi muito estimulado pela tese de medicina do estudante polaco Szymon Hens (1917) que tinha concluído os seus estudos na clínica de Bleuler (Exner, 1986). Na sua tese, esse autor utilizou oito placas de manchas de tinta e testou 1000 crianças, 100 adultos normais e 100 psicóticos com a finalidade de investigar a imaginação analisando apenas o conteúdo das respostas. Nas conclusões, Hens colocava algumas questões muito importantes para Rorschach sobre o significado da interpretação da totalidade ou dos detalhes das placas, sobre a possível influência da cor (pois as suas placas eram só a preto e branco) e sobre a possibilidade de esta técnica poder servir para o diagnóstico da psicose.

H. Rorschach, durante uma dezena de anos, além de se interessar pela produção e a verbalização dos doentes, foi construindo várias séries de placas que apresentava a doentes e a indivíduos normais do seu meio (enfermeiras, estudantes, crianças) e foi a partir destes estudos empíricos que operou a selecção das placas que compõem hoje este teste.

Em relação à utilização anterior deste tipo de material como exploração da imaginação, o mérito de H. Rorschach está em ter sido capaz de fazer a síntese de um método já conhecido (as manchas de tinta) e dos conceitos derivados de Jung e do seu teste de associação.

O aspecto mais importante no Rorschach foi o reconhecimento que as interpretações do sujeito em relação à placa não eram, no essencial, o resultado da "imaginação". As interpretações eram sobretudo determinadas pelas particularidades da percepção que, por sua vez, estavam na dependência da estrutura geral da personalidade e eventualmente dos seus desvios patológicos.

No prefácio do Psicodiagnóstico redigido em 1920, H. Rorschach afirma que o seu trabalho é puramente empírico. Os resultados obtidos são observações objectivas e não foram deduzidas de pressupostos teóricos, insistindo que não se trata de uma prova de imaginação.

2 — AS PRINCIPAIS CRÍTICAS AO TESTE DE RORSCHACH

Após uma divulgação relativamente lenta, o Rorschach ganhou rapidamente grande prestígio revelando-se um bom instrumento no estudo da personalidade⁽¹⁾. A sua progressiva valorização está intimamente ligada ao facto de permitir compreender a especificidade do indivíduo em si mesmo e não apenas como unidade de um grupo, como acontecia, por exemplo, com os testes de eficiências. Isto explica que a "subjectividade", desta prova foi muito valorizada pelos vários autores, entre os quais Frank, o introdutor da designação de técnica projectiva, (Frank, 1939). A ligação desta prova com a psicanálise contribuiu para essa valorização.

Mais tarde, na década de quarenta, vários autores: Zubin (1941), Klopfer & Kelley (1946), fizeram sentir a necessidade de se estabelecerem bases teóricas e científicas para uma maior objectividade, afastando tudo o que de subjectivo e intuitivo estava ligado ao Rorschach. Refira-se aliás, que o estabelecimento de bases objectivas para a interpretação, constituía já uma das preocupações dominantes do autor deste teste projectivo.

A — O "fracasso" da validação psicométrica do Rorschach

As maiores críticas ao Rorschach vieram da corrente psicométrica, principalmente nos anos sessenta e incidiram sobre a sua não validação psicométrica. Estas críticas vieram a abalar o prestígio desta prova que não parava de crescer desde os anos quarenta.

Vários estudos foram progressivamente realizados tendo em vista a validação psicométrica das técnicas projectivas, principalmente do Rorschach. Embora os resultados dos diferentes autores nem sempre fossem coincidentes, eles promoveram várias críticas aos métodos de validação utilizados.

Através das revisões bibliográficas (Silva, 1983), constata-se que nas décadas de quarenta e cinquenta, vários autores: Zubin (1941), Ainsworth (1954), Cronbach & Meehl (1955), Payne (1955), desenvolveram estudos sobre a validação psicométrica das técnicas projectivas, focando os problemas levantados nesse domínio pela especificidade destas técnicas.

Ao nível do teste de Rorschach, os estudos de validade têm-se orientado, quer para a tomada de diferentes grupos específicos de sujeitos (procedimento experimental, grupos contrastantes com recurso a drogas e hipnose, grupos de psicopatologia variada), quer para a análise do grau de acordo entre os resultados obtidos por esta técnica e os resultados de outras fontes de diagnóstico (por ex. diagnóstico psiquiátrico). Alguns estudos, têm ainda considerado elementos mais específicos ou mais globais do próprio protocolo ou variáveis que o teste contempla.

Rabin, o autor que realizou uma revisão bibliográfica sobre os estudos de validação do Rorschach realizados nessas décadas, publicada na obra de Anderson & Anderson (1963), dedicada à validação das técnicas projectivas, concluiu que estes estudos ajudaram a transformar o Rorschach num método de análise da personalidade com uma boa fundamentação científica e experimental.

Outro trabalho importante no que diz respeito à validade e aos problemas levantados por esta na análise dos resultados do Rorschach, é a obra de Mary Ainsworth (1954). Esta autora considera esta prova como um método de observação e avaliação e não como teste de personalidade. A validação não deve incidir

no Rorschach como técnica mas sobre as suas conclusões, sobre a personalidade e as hipóteses que lhe estão subjacentes, assim a validação far-se-á através da validação de hipóteses e não da validação de testes, em paralelo com o desenvolvimento dos estudos sobre a personalidade.

Ainsworth levanta o problema da validação das hipóteses interpretativas e, na revisão dos estudos das variáveis únicas, ela afirma que é possível a verificação de hipóteses isoladas e cita alguns exemplos como a correlação entre as cotações indicadoras da eficiência intelectual e os resultados em testes de nível. Estudos deste género têm-se constituído como forma indirecta da validade das hipóteses interpretativas.

Quanto à questão da preditividade nas técnicas projectivas, esta autora considera que o seu estudo está em paralelo com a investigação global da personalidade. O modo de predição tendo em vista a verificação de uma hipótese acerca do funcionamento da personalidade individual, serve dois objectivos: a validação de uma componente da técnica e a extensão do conhecimento sobre a personalidade.

As maiores críticas a esta prova surgem em 1959 no *The Fifth Mental Measurements Yearbook*, marcando de algum modo o fim do culto ao Rorschach praticado até aí nos Estados Unidos. Wysenck, após uma revisão da literatura, conclui que se falhou na tentativa de estabelecer o valor científico desta prova. Segundo este autor os estudos de validação com resultados positivos apresentam vários erros metodológicos (de planificação ou estatísticos). Os resultados seriam tanto mais negativos quanto melhores são, em termos metodológicos, os estudos de validação. As hipóteses do Rorschach só se verificariam devido a "fontes incontroladas de erro" (Silva, 1983, p. 94).

Outro autor, Murstein (1960), após uma revisão crítica dos estudos de análise factorial do Rorschach, aponta vários problemas específicos desta prova, pertencendo ou não ao domínio estatístico. Entre outros, salienta o carácter verbal da prova em que, praticamente, só se analisa a verbalização, atingindo através desta, indirectamente a percepção, e o resultado varia segundo as competências verbais do sujeito; a dependência de variáveis (por ex. K depende de H), o que contraria os princípios da análise factorial em que estas devem ser independentes; o número imprevisível de respostas, a multiplicidade de estímulos (10 placas, em que cada uma pode funcionar como teste independente).

Esta análise crítica leva Murstein a concluir que é praticamente impossível realizar uma análise factorial correcta desta prova, pois trata-se de um teste quantitativo inadequado, é uma interpretação de uma interpretação e não um teste perceptivo. Conclui então que nas mãos de clínicos experientes, esta prova é um meio de sondar as camadas profundas da personalidade mas, ao nível da investigação é uma calamidade psicométrica.

A partir destes trabalhos algumas posições defendem que seja retirado ao Rorschach a categoria de teste. Há quem conteste os seus fundamentos teóricos, e quem aconselhe a considerar-se esta prova como uma entrevista (Zubin, Eron & Schumer, 1965).

No *The Sixth Mental Measurements Yearbook* de 1965, nas revisões da literatura de R. Dana, L. Eron e A. Jensen são formuladas as críticas mais contundentes.

Dana (1965) considera que a utilização adequada do teste depende do clínico em função da sua experiência e de variáveis desconhecidas da personalidade. Assim, é o clínico e não o teste que permite o estudo da personalidade. A tentativa de converter o Rorschach num instrumento psicométrico falhou, pois esta prova não realiza os critérios habituais de objectividade, validade, garantia, etc.

Leonard Eron (1965) afirma que o Rorschach pode resultar em clínica mas não na investigação, defendendo a ideia de Zubin

de que esta prova deve ser considerada como uma entrevista, reconhecendo o insucesso dos estudos de validade.

Jensen (1965) tem uma posição radical, depois de apontar os resultados negativos de validação na investigação, considera-o um teste medíocre sem valor científico e prático; para acabar com o desperdício em dinheiro e esforço humano na aplicação desta prova a milhões de pessoas nos Estados Unidos, aconselha o abandono do Rorschach na prática clínica deixando de se exigir aos estudantes de psicologia clínica que percam tempo a aprender a técnica.

Tudo levava a crer nos finais dos anos sessenta, que o Rorschach estava condenado a desaparecer e que mais ninguém o iria utilizar, mas é precisamente o contrário que vai acontecer na década de setenta.

Até aqui, os resultados negativos dos estudos de validação do Rorschach parecem mais ficar a dever-se às tentativas de transposição da metodologia usual em testes de inteligência e em questionários de personalidade e à pouca atenção à especificidade do próprio teste. Embora possam encontrar-se algumas semelhanças deste teste com os de mais instrumentos, designadamente os inquéritos de personalidade, é evidente que as suas características peculiares impedem a aplicação da metodologia estatística mais tradicional (por ex. a análise factorial dos resultados).

É aqui que surgem as críticas aos métodos estatísticos utilizados como inadequados às características do Rorschach, vindas principalmente mas não só, da clínica.

B — A polémica de psicometristas contra clínicos: validade psicométrica versus validade clínica

Principalmente durante a década de setenta, após os grandes ataques dos psicometristas contra o teste de Rorschach devido aos seus resultados de validação negativos, gerou-se uma grande polémica, que ainda continua, entre os autores da corrente psicométrica e os da corrente clínica. Enquanto os psicometristas consideram que o Rorschach não oferece garantias de validade, os clínicos consideram-no muito bom na ajuda que lhes presta para a compreensão da personalidade do indivíduo na sua especificidade.

Por isso, quando os psicometristas produziram as críticas mais negativas em relação a esta prova, designadamente pela sua ambiguidade e pela multiplicidade dos estímulos, pelas suas condições de aplicação (onde o sujeito tem uma liberdade total), pela interdependência dos factores de cotação, sugerindo que o seu valor científico era nulo e aconselhando o abandono da técnica, os clínicos reagiram. A mensagem dos psicometristas não foi recebida na clínica, que continuou a dar preferência a esta prova na investigação da personalidade, mantendo-se sempre entre os testes mais utilizados. Por sua vez a produção bibliográfica sobre o Rorschach não diminuiu tanto em artigos, como na edição e na reedição de livros.

Como reacção às críticas negativas dos psicometristas principiou a surgir uma certa contestação e modificação da metodologia a usar na validação estatística desta prova. Houve autores como Aronow & Reznikoff (1979), Schwartz & Lazar (1979), Howes (1981) que, opondo-se às críticas destrutivas, apontaram as duas vertentes da prova de Rorschach: o aspecto nomotético ou probabilístico e o aspecto idiográfico ou semântico.

Estes autores aceitam que esta prova é psicometricamente pobre, e que devido à sua especificidade e complexidade baseada na produção verbal do sujeito, a liberdade total para este ver o que quiser, o grande número de variáveis e a dificuldade em operacionalizar conceitos em relação ao que se pretende medir. Assim sendo é muito difícil realizar uma validação psicométrica dos seus resultados. Eles apontam que o interesse no Rorschach é encontrar o significado das respostas, principalmente na clí-

nica: a interpretação dos dados nos testes projectivos é semântica e não é probabilística embora se empreguem regras probabilísticas como ajuda para a interpretação. Aqui o aspecto nomotético (comparação do sujeito com um grupo em relação ao factor que se pretende medir — avaliação interindividual) — tem pouca utilidade e é o aspecto idiográfico (avaliação intraindividual) que permite compreender o sujeito naquilo que ele tem de único, compreender a especificidade da sua problemática e obter informação para a intervenção sobre as possibilidades de ajudar o sujeito a ultrapassar as suas dificuldades.

Ambos os campos opostos têm razão, pois cada um se refere a aspectos diferentes do Rorschach: no aspecto nomotético é considerado pobre, enquanto que do ponto de vista idiográfico é considerado possuidor de uma grande riqueza. Os actuais defensores da perspectiva idiográfica admitem isso e criticam os que se basearam apenas em dados nomotéticos sem terem em conta a outra perspectiva. Novos desenvolvimentos surgiram, seja na perspectiva idiográfica (possibilidades de utilização do Rorschach na investigação clínica), seja na perspectiva nomotética, (análise estatística dos resultados) no sentido da validação desta prova.

Segundo Silva (1983), três trabalhos no final dos anos setenta merecem particular destaque sobre a problemática de validação do Rorschach: Blatt (1975); Weiner (1977); e Holley (1973).

Blatt principia por desenvolver uma crítica aos estudos para obtenção de juízos clínicos globais e aos relacionados com categorias de cotação ou tipos de resposta. Os primeiros estudos nada dizem do porquê do sucesso ou insucesso das avaliações dos juízes ou dos processos inferenciais dos avaliadores (nem dos processos psicológicos implicados). Quanto aos estudos sobre os tipos de respostas, eles não consideram a totalidade do protocolo e o contexto específico da prova. A interpretação subtil de um clínico não é tomada em consideração. Os insucessos na demonstração de alguns aspectos do Rorschach devem-se, então, à utilização incorrecta das cotações.

Em relação à metodologia de validação das técnicas projectivas, Blatt refere-se à utilização de dois tipos de critérios, a diferenciação de grupos nosológicos e a predição do comportamento. No que se refere ao primeiro tipo de critérios, Blatt contesta a base conceptual das categorias nosológicas, critica o facto de nos estudos não referirem como se obtiveram as diferenciações nem como se definiram os conceitos. Aponta os desacordos de especialistas quanto às diferenças de diagnóstico e os graus de exactidão com que os critérios são aplicados. Quanto à predição do comportamento, Blatt considera-o impróprio como critério de validação porque aquele exigiria a consideração das variáveis da situação, o que nem sempre é possível definir.

Blatt salienta os problemas relacionados com este critério ao nível do tempo (longo ou curto), a predição em sistema livre ou controlado, a diferença de níveis (o sucesso e o insucesso têm significado diferente segundo estas situações), e afirma que “a confiança na predição do comportamento social complexo, como meio de validar inferências sobre processos psicológicos é geralmente um critério inadequado” (citado por Silva, 1983, p. 104).

Weiner desenvolve uma reflexão sobre as perspectivas de validação do Rorschach focando sobretudo as perspectivas de sinal, de configuração e de impressão global, conceptual, representativa e simbólica.

Para cada uma faz um levantamento das limitações, das dificuldades e da investigação mais representativa, não deixando de criticar a falta de precisão de muitos critérios utilizados em determinados estudos.

Este autor não deixa de criticar as críticas negativas dos finais dos anos sessenta e principalmente as críticas de Dana, Eron

e Jensen publicadas no *The Sixth Mental Measurements Yearbook* (1965), apontando que estas críticas reflectem uma “falta de familiaridade” com a literatura do Rorschach ou uma inépcia para reconhecer as limitações metodológicas e conceptuais de muita investigação considerada por eles.

C — Novas perspectivas de validação

No campo da psicometria surge em 1973 um trabalho publicado por Jasper W. Holley da Universidade de Lund (Suécia), com uma nova tentativa de validação do Rorschach através da análise factorial. Esta análise considera os subgrupos clínicos, e as várias categorias clínicas são tratadas estatisticamente como variáveis heterogêneas e não como homogêneas. Para atingir este objectivo, Holley propõe outro plano factorial, o plano Q em vez do plano R (enquanto este analisa uma matriz de intercorrelações de testes e se baseia nas respostas de muitas pessoas a poucos testes, o plano Q analisa uma matriz em que as variáveis são pessoas, requerendo muitos itens mas poucas pessoas). Segundo este autor, os resultados do seu estudo de validação são positivos, permitindo um diagnóstico diferencial (Silva, 1983, p. 110). Os resultados negativos dos estudos anteriores de validação realizados, ficariam a dever-se à ineficácia dos processos de validação utilizados e não a limitações deste instrumento clínico.

3 — NOVAS PERSPECTIVAS DE UTILIZAÇÃO DO RORSCHACH

A partir do momento em que se pôs em causa a validade psicométrica do Rorschach, o que implicava deixar de o considerar como teste, alguns destes autores que se tornaram críticos em relação a esta prova, propuseram que esta fosse encarada como uma entrevista como Zubin, Eron & Schumer (1965), o que para muitos utilizadores desta prova pareceu tratar-se de uma “despromoção” do Rorschach.

As críticas dos psicometristas tiveram o mérito de incentivar a investigação sobre esta prova, desenvolvida por aqueles que acreditavam no seu valor clínico, principalmente devido às suas qualidades idiográficas. Nesta perspectiva centrada no valor semântico, surgiram novas aplicações do Rorschach, bastante diferentes da tradicional preconizada pelo seu autor. As qualidades “clínicas” da prova foram reconhecidas, permitindo investigar de maneira diferente a personalidade e até permitir uma intervenção terapêutica.

A — Como entrevista terapêutica

Alterando o método de administração do Rorschach, Aronow & Reznikoff (1976) propõem um novo método que apelidam de *Rorschach Content Technique*, que vem substituir o inquérito, não sendo modificada a primeira fase de administração da prova. Este novo método envolve associações de ideias relacionadas com os objectos percebidos nas placas do Rorschach, o sujeito é convidado a especular sobre o modo como uma percepção particular pode “reflectir-se na sua própria vida” e isto encoraja o sujeito a fazer a sua própria interpretação. Esta técnica transforma-se numa sessão terapêutica onde o paciente fala sobre a área do problema evidenciado por um percepto do Rorschach.

Outro autor, Margareth Singer (1977), com um método semelhante, transforma a administração do Rorschach numa entrevista aberta. Usa-o então, na análise dos processos de comunicação nas famílias de esquizofrênicos e de bordelines.

B — A escala de avaliação da representação de objecto

Através desta escala de avaliação, realizou-se a integração da teoria da relação de objecto na metodologia do Rorschach. Tendo como origem a abordagem do conceito de relação de

objecto como tendo implicações importantes na compreensão da etiologia e da organização das diferentes formas de psicopatologia e também na compreensão do processo terapêutico.

Para isso, surge a necessidade de fazer a avaliação sistemática do objecto, da representação individual do "mundo", do self e da qualidade das relações interpessoais, o que deu origem à elaboração de uma escala compreensiva para avaliar a organização e o conteúdo do "conceito de objecto" nas respostas do Rorschach, elaborada por Blatt, Brenneis, Schimek & Glick (1976). Esta escala baseia-se na avaliação feita do estudo da representação da forma humana nas respostas do Rorschach, considerando-a a base ideal para avaliar a representação do mundo individual, o conceito que o sujeito tem do "outro", incluindo-se ao nível das suas interações potenciais.

As respostas com conteúdo humano são cotadas ao longo de um desenvolvimento contínuo em seis categorias: diferenciação, articulação, motivação da acção, integração do objecto na acção, conteúdo da acção e características da interacção. Esta escala permite, por exemplo, compreender as características da psicopatologia, da intervenção e os aspectos da relação terapêutica incluindo os progressos e as regressões e também obter informação sobre a modificação da intervenção.

A avaliação da representação de objecto através do Rorschach mostra-se particularmente conseguida devido à ambiguidade do estímulo. Esta ambiguidade salvaguarda que todas as imagens sejam formadas pelas características da organização da representação de objecto.

C — Uma nova metodologia para a utilização do Rorschach na investigação clínica.

Devido ao facto de o grande número de variáveis no Rorschach ter dificultado a investigação, Blatt & Lerner (1984) utilizando a recolha de dados através da administração e cotação tradicionais, diminuíram o número de variáveis baseando-as em três dimensões: a organização do pensamento, a qualidade da representação de objecto e a alteração do pensamento.

A organização do pensamento foi avaliada através do método desenvolvido por Robert Holt (1966) — (cf. Blatt & Berman, 1984) baseado nos conceitos freudianos de processo de pensamento primário e secundário. Holt desenvolveu um sistema complexo para avaliar a dimensão e a natureza do pensamento primário no Rorschach e a eficiência como este tipo de pensamento está integrado através de respostas apropriadas e orientadas na realidade. Este autor demonstrou em 1977 que estas variáveis estão relacionadas com a avaliação independente do pensamento criativo e da actividade cognitiva complexa.

A qualidade da representação de objecto é avaliada através da escala desenvolvida por Blatt e col. (1976, 1983), acima citada, baseada nos princípios da psicologia do desenvolvimento de J. Piaget e H. Werner, e que permite estabelecer um diagnóstico diferencial.

A dimensão da alteração do pensamento é avaliada através de um método desenvolvido por Blatt e Ritzler, (cf. Blatt & Berman, 1984) no qual as características qualitativas das respostas do Rorschach são avaliadas através da dimensão da alteração do pensamento baseado no rigor das roturas dos limites entre os objectos percebidos, os conceitos e os acontecimentos independentes.

Este método de investigação tem um total de 18 variáveis, das quais 4 pertencem à organização do pensamento, 2 à representação de objecto, 2 à alteração do pensamento e 10 estão mais directamente relacionadas com a cotação tradicional. Estas últimas são: o T.R.I. (tipo de ressonância íntima); o peso da soma das respostas cor (dimensão da labilidade afectiva); a regularidade e dimensão de F + % (adequação à realidade da testagem);

o peso da soma das respostas esbatido (dimensão da ansiedade disfórica e das experiências depressivas); respostas movimento nitidamente percebidas (dimensão das fantasias adaptativas, Mayman, 1977); respostas movimento não nitidamente percebidas (dimensão das fantasias regressivas); respostas de transparência e de perfis transversais (medida da potencialidade suicida); respostas de reflexão (preocupações narcísicas); e, respostas orais (preocupações infantis) — (cf. Blatt & Berman, 1984).

Esta metodologia foi experimentada com uma amostra composta por indivíduos dependentes de drogas opiáceas, de jovens sem problemas psiquiátricos num programa de formação para o primeiro emprego e de pacientes hospitalizados, dando resultados positivos na diferenciação do diagnóstico.

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

A validação psicométrica desta prova, e a polémica que ocasionou, torna-se interessante para compreender muita da investigação com ela relacionada.

As primeiras críticas ao instrumento surgem com as dificuldades havidas na sua validação. Esta validação começou a ser realizada utilizando os mesmos critérios das provas de eficiência e dos questionários de personalidade, julgando-se que estes critérios seriam válidos para qualquer tipo de teste.

Mas as características próprias do Rorschach, como o reduzido grau de estruturação dos estímulos, o carácter aleatório e o número imprevisível das respostas, a especificidade da cotação e as dificuldades de tratamento estatístico, a interpretação global, etc., tornaram bastante difícil a validação desta prova nessas condições.

Esse fracasso da validação levou às críticas mais negativas do instrumento no final da década de sessenta, feitas através da revisão dos estudos de investigação (Dana, 1965; Eron, 1965; Jensen, 1965). Contudo essas críticas negativas não fizeram com que os clínicos deixassem de utilizar o Rorschach. Surgiram, então, as primeiras críticas aos critérios de validação, e as hipóteses da impossibilidade de aplicação dos conceitos e da metodologia da validação psicométrica devido à especificidade da prova. A utilidade e a riqueza das suas qualidades idiográficas na clínica foram então postas em destaque.

Mais tarde, nos anos setenta, no campo da psicometria (Blatt, 1975; Weiner, 1977; Holley, 1973) surgiram os primeiros estudos criticando as críticas negativistas do Rorschach, insistindo na especificidade da prova, na precisão dos critérios de validação e na revisão crítica da metodologia e dos conceitos utilizados nos estudos de investigação sobre este instrumento. Salientam que, nos estudos de investigação em que os critérios são cuidadosamente especificados e bem controlados, os resultados deixam de ser desanimadores (por exemplo Holley, 1973).

A título de conclusão refira-se que as críticas tiveram o mérito de suscitar um maior volume de investigação. Não deixa de ser importante referir que as perspectivas mais optimistas correspondem aos estudos mais recentes. Possivelmente, sem as críticas mais negativas, muita da investigação realizada nos anos setenta e oitenta, não se teria realizado. Não podemos esquecer toda uma série de novas utilizações elaboradas nas décadas de setenta e oitenta, relacionadas com a administração da prova, a transformação parcial em sessão terapêutica, a elaboração de novas escalas como a de representação de objecto e até novas metodologias de investigação clínica.

Após um levantamento bibliográfico verificou-se que ultimamente, o interesse na clínica e na investigação, pelas técnicas projectivas tem aumentado, o que nos parece ser promissor quanto à fertilidade de novos estudos de investigação. Independentemente do sentido positivo ou do sentido negativo das conclu-

sões que se retirem em relação à prova, estamos certos de daí resultar uma progressiva análise do vasto campo (conceptual, metodológico) que é ainda necessário investigar.

NOTA

(¹) Na divulgação desta prova em Portugal, aponta-se o trabalho do Prof. Luiz de Pina (1938), onde descreve a história desta prova e a tentativa precursora de Sérgio de Sousa (1916), com um estudo sobre a imaginação baseado no mesmo princípio do teste de Rorschach (cf. Pina, 1938, 1938, p. 9. — Sérgio de Sousa (1916) Recherches sur l'imagination. "Intermédiaire des Éducateurs").

REFERÊNCIAS

- Ainsworth, M. D. (1954). Problems of Validation, in Klopfer B., Ainsworth M. D., Klopfer W., Holt R. R., *Developments in the Rorschach Technique*, vol. 1, New York: Brace & World Inc.
- Anzieu, D. (1976). *Les Méthodes Projectives*, 5.^a edição, Paris: P.U.F.
- Aronow, E.; Reznikoff, M. & Rauchaway, A. (1979). Some Old and New Directions in Rorschach Testing. *Journal of Personality Assessment*, 43, 227-234.
- Beck, S. (1967 e 1968). *Le Test de Rorschach*, 2 volumes, Paris: P.U.F.
- Blatt, S.; Brenneis, B.; Schimeck J. & Glick M. (1976). *A developmental analysis of the concept of the object on the Rorschach*, Manual não publicado, amavelmente cedido pelos autores.
- Blatt, S. & Lerner, H. (1983). The Psychological Assessment of Object Representation. *Journal of Personality Assessment*, 47, 7-28.
- Blatt, S. & Berman W. (1984). A Methodology for the Use of the Rorschach in Clinical Research. *Journal of Personality Assessment*, 48, 226-239.
- Chabert, C. (1983). *Le Rorschach en Clinique Adulte, Interprétation Psychanalytique*, Paris: Dunod.
- Cronbach, L. & Meehl, P. (1955). Construct Validity in Psychological Tests. *Psychological Bulletin*, 52, 281-302.
- Dana, R. H. (1965). In Buros O. K. (Ed.), *The Sixth Mental Measurements Yearbook*, 492-495. New Jersey: The Gryphon Press.
- Eron, L. D. (1965). In Buros O. K. (Ed.), *The Sixth Mental Measurements Yearbook*, 495-501. New Jersey: The Gryphon Press.
- Exner, J. (1986). *A Comprehensive System, Volume 1: Basic Foundations*, 2nd ed., New York: John Wiley & Sons Inc.
- Eysenck, H. J. (1959). In Buros O. K. (Ed.), *The Fifth Mental Measurements Yearbook*, 276-278. New Jersey: The Gryphon Press.
- Frank, L. K. (1965). Projective Methods for the Study of Personality, in Murstein B. I., *Handbook of Projective Techniques* 1-22, New York: Basic Books Inc.
- Holley, J. W. (1973). Rorschach Analysis, in Kline Paul (Ed.), *New Approaches in Psychological Measurement*, London: John Wiley & Sons.
- Holt, R. R. (1977). A Method for Assessing Primary process Manifestations and their Control in Rorschach Responses. In M. Rickers - Ovsiankina (Ed.), *Rorschach Psychology*, 2nd ed., Huntington, New York: Krieger.
- Howes, R. (1981). The Rorschach, Does it Have a Future? *Journal of Personality Assessment*, 45, 339-351.
- Jensen, A. R. (1965). In Buros (Ed.), *The Sixth Mental Measurements Yearbook*, 501-509. New Jersey: The Gryphon Press.
- Klopfer, B. & Kelley, D. M. (1946). *The Rorschach Technique. A Manual for a Projective Method of Personality Diagnosis*. New York: World Book Company.
- Korchin, S. & Schuldberg, D. (1981). The Future of Clinical Assessment. *American Psychologist*, 36, 1147-1158.
- Murstein, B. I. (1960). Factor Analyses of the Rorschach. *Journal of Consulting Psychology*, 24, 262-275.
- Payne, R. W. (1955). L'Utilité du Test de Rorschach en Psychologie Clinique *Revue de Psychologie Appliquée*, 5, 255-264.
- Pichot, P. (1984). Centenaire de la naissance d'Hermann Rorschach. *Revue de Psychologie Appliquée*, 34, 1-7.
- Pina, L. (1938). O Psicodiagnóstico de Rorschach em Criminologia. Separata do *Boletim dos Institutos de Criminologia*. 1-29. Porto.
- Rabin, A. I. (1963). Validación y Estudios Experimentales sobre el Método de Rorschach, in Anderson y Anderson (Ed.), *Técnicas proyectivas del Diagnostico psicologico*, 163-187. Madrid: Ediciones Rialp.
- Schwartz, F. & Lazar, Z. (1979). The Scientific Status of the Rorschach. *Journal of Personality Assessment*, 43, 3-11.
- Silva, D. (1983). Análise dos Estudos sobre a Validade do Rorschach em Psicologia Clínica. Separata da *Revista Portuguesa de Psicologia*, n.º 17, 18, 19, Anos 1980, 81, 82. Lisboa.
- Singer, M. T. (1977). The Rorschach as a transaction. In M. A. Rickers-Ovsiankina (Ed.), *Rorschach Psychology*, 2nd ed., Huntington, New York: Krieger.
- Tichey, C. (1980). À propos de certaines échelles de contenus au Rorschach. *Revue de Psychologie Appliquée*, 30, 293-321.
- Traubenberg, N. (1981). *La pratique du Rorschach*, 4.^a edição, Paris: P.U.F.
- Traubenberg, N. & Sanglade, A. (1984). Représentation de soi et relation d'objet au Rorschach. Grille de représentation de soi. *Revue de Psychologie Appliquée*, 34, 41-57.
- Weiner, I. B. (1977). Approaches to Rorschach Validation. In M. A. Rickers-Ovsiankina (Ed.), *Rorschach Psychology*, Huntington, New York: Krieger.
- Zubin, J. (1950). Test Construction and Methodology. *Recent Advances in Diagnostic Psychological Testing*. 99-120. Springfield: Charles C. Thomas.
- Zubin, J., Eron, L. D., Schumer, F. (1965). *An Experimental Approach to Projective Techniques*. New York: John Wiley & Sons.

ABSTRACT

RORSCHACH TEST: SOME ASPECTS CONCERNING THE CRITIC AND THE NEW PERSPECTIVES OF USE.

An historical presentation was necessary to understand the how and why of this test elaboration with its specificity, through the analysis of its author biography, the psychiatric environment of its time and through the history of inkblots. We have focused the "failing" of the psychometric validation of this test reviewing the criticism, mainly from the psychometrists and the impossibility of validation because the instrument, in their opinion, doesn't have the minimal conditions of validity. All this put us in the core of the controversial discussion between the psychometrists and clinics, because they think Rorschach is valid when applied in the clinic, valuating his ideographic qualities. Later, some criticism had occurred regarding the methodology adopted in the validation and the respective modification of the statistics methods due to the specificity of this projective test, as its validation was seen at the same terms of the intelligence tests and personality questionnaires. Consequently, this methodological alteration had positive results in these new validity studies. Some of the Rorschach new perspectives of utilization are pointed as well in the clinic interview, where its ideographic qualities are focused as in the research, through the evaluation of the object representation and the selection of new variables related to the thought organization, to the object representation and to the evaluation of the thought disorders (Blatt & Berman, 1984).

RÉSUMÉ

LE TEST DE RORSCHACH: QUELQUES ASPECTS CONCERNANT LES CRITIQUES ET LES NOUVELLES PERSPECTIVES D'UTILISATION

Il s'est avéré nécessaire une présentation historique pour essayer de comprendre le comment et le pourquoi de l'élaboration de ce test avec sa spécificité, de par l'analyse la biographie de son auteur, du milieu psychiatrique de l'époque et de l'histoire des taches d'encre. Nous soulignons l'"insuccès" de la validation psychométrique de cette épreuve, faisant une révision des critiques surtout celles des psychométriciens qui sont d'avis que la validation de cet instrument est impossible parce qu'il ne réunit pas les conditions minimales de validité. Ceci nous place au centre de la polémique entre psychométriciens et cliniciens, car ceux-ci pensent que le Rorschach est valable quand il est utilisé en clinique, mettant en valeur ses qualités idéographiques. Plus tard, des critiques sont apparues concernant la méthodologie utilisée dans la validation menant à la modification des méthodes statistiques due à la spécificité de cette épreuve projective, parce que sa validation était envisagée de la même manière que les tests d'intelligence et les questionnaires de personnalité. Cette modification de la méthodologie a eu comme conséquence des résultats positifs dans ces nouvelles études de validité. Nous indiquons quelques nouvelles perspectives d'utilisation du Rorschach, aussi bien comme entretien clinique que dans la recherche à travers l'évaluation de la représentation d'objet, la sélection de nouvelles variables touchant l'organisation de la pensée, la représentation d'objet et l'évaluation des troubles de la pensée (Blatt & Berman, 1984).